

**DE LILITH À POMBAGIRA:  
LITERATURA E ARTE PARA DECOLONIZAR CORPOS E MUNDOS**

**FROM LILITH TO POMBAGIRA:  
LITERATURE AND ART TO DECOLONIZE BODIES AND WORLDS**

**Martha Giudice Narvaz<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Apresentam-se proposições de pesquisas em andamento que articulam arte e educação na busca de subsídios para a formulação de intervenções pedagógicas feministas decoloniais. A intenção é repensar corpo/sexos/gêneros/raças/mundos para fabular outros modos de habitar os corpos e de performar o feminino desde perspectivas outras que descolonizem o pensamento. Investigam-se as figurações do feminino e suas relações com mitos, contos, lendas e iconografia popular de diferentes tradições. A constituição do arquivo de pesquisa ocorre por meio das proposições de análise das imagens de Warburg e Didi-Huberman, tendo como referencial analítico o feminismo decolonial, as filosofias africanas e ameríndias e o pensamento da diferença de Deleuze e Guatarri.

**Palavras-Chave:** Gênero. Arte. Decolonialidade. Deleuze and Guatarri. Educação.

*“Houve um tempo em que não eras uma escrava, lembra-te disso. Caminhavas sozinha, alegre, e banhavas-te com o ventre nu. Dizês que perdeste toda e qualquer lembrança disso, recorda-te... Dizês que não há palavras para descrevê-lo, dizês que isso não existe. Mas lembra-te. Fazê um esforço e recorda-te. Ou, se não o conseguires, inventa”.*

*Les Guérillères’, Monique Wittig*

## Introdução

Mulheres assassinadas por seus supostos amores. Meninas violadas por quem as deveria proteger. Travestis empalados. Homens negros humilhados. Crianças morrem por balas ‘perdidas’ enquanto brincam na calçada. Corpos indígenas queimados. Florestas devastadas. Vírus mortíferos alastram-se pelo planeta, modificando as formas de habitar o mundo, assombrando-nos com os encontros. Sem aglomerações. Não se pode ficar muito perto. Impossível res-pirar junto. #I can’t breathe. #Vidas negras importam. #Quem mandou matar Mariele? #Me too. #Ni una a menos. #O violador é você. Gaia, ainda viva, arde.

A despeito das ‘conquistas’ jurídicas na regulamentação dos modos de vida, nossa ‘civilização’ segue na barbárie. Temos leis para tudo: para regular as relações entre homens e

---

<sup>1</sup> Psicóloga, doutora em psicologia, pós doutora em educação (UFRGS), professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, líder do Grupo de Pesquisa CNPq Gênero e Diversidades. <http://lattes.cnpq.br/9749821288146489>, <https://orcid.org/0000-0001-8430-9483>. Email [martha-narvaz@uergs.edu.br](mailto:martha-narvaz@uergs.edu.br)

mulheres, entre negros e brancos, entre crianças e adultos, entre humanos e não-humanos. Mas diversas formas de violação irrompem na cena cotidiana (FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020). Revela-se aí a cultura colonial, que tem na exploração e na anulação do outro sua marca mais perversa. Como o universo da significação dominante do Capitalismo Mundial Integrado não tolera nenhuma fuga da qual não tenha controle (GUATARRI, 2012), corpos indóceis são eliminados. Docilização dos corpos para sua melhor exploração, ou anulação. Uma das estratégias dessa operação é a circulação na cultura de signos que legitimem tal desqualificação, necessária à desumanização e à objetificação do outro que, destituído de sua humanidade, reduzido à animalidade, pode ser colonizado, adestrado, escravizado, humilhado, violentado, pois é objeto. Essa dita civilização é produzida por um tipo de arranjo social particular que impõe sua significação despótica a partir de códigos secretados pela hegemonia branca, máscula, ocidental (GUATARRI, 1988).

Há um esgotamento dos modos de vida, dos modos de habitar a Terra, dos modos de habitar os corpos, impostos por essa significação dominante, que articula racismo, falocentrismo, produção de pobreza e desastres urbano-ecológicos. Furacões, desabamentos, enchentes, vazamento de óleo e de material radioativo, como Chernobyl e Césio 137, rompimento de barragens de Mariana e Brumadinho e, agora, a COVID-19, revelam “os limites dos aparatos técnico-científicos da humanidade e as ‘marchas-a-ré’ que a ‘natureza’ nos pode reservar” (GUATARRI, 2001, p. 24). Desequilíbrios ameaçam a vida no planeta não só pela proliferação de vírus e de ervas daninhas, mas também por meio de “uma ecologia de ideias danosas” (BATESON<sup>2</sup>, citado por GUATARRI, 2001, p. 7). Não se pode mais pensar, como queria o projeto da Modernidade, separar natureza e cultura, separação que, aliás, não é universal, sequer consensual em sua conceituação (LATOUR, 2020). É preciso, pois,

Pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais. Só uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos - do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana - uma Ecosofia, é que poderia responder à crise atual [...]. A ecologia generalizada - a Ecosofia - agirá como ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política, mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valorização, um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, entre as faixas etárias, as etnias, as raças... (GUATARRI, 2012, p. 107).

### **Plano de Composição: Saberes em movimento**

Nas epistemologias racionalistas ocidentais, colonialistas, o conhecimento válido é determinado pela racionalidade técnico-científica, racionalidade essa que tem colocado em

---

<sup>2</sup>BATESON, Gregory. *l'écologie de l'esprit*. Tomo II. Paris: Seuil, 1980.

questão a vida no planeta (GUATARRI, 1988). Ao fazer da consciência o fundamento da verdade, Descartes inaugurou, no cenário moderno, além do dualismo mente-corpo, o racionalismo, que excluiu a loucura do pensamento e fez do corpo o lugar das paixões, das ilusões, dos equívocos, do pecado (NARVAZ, 2009). Instauram-se códigos binários para explicar a nova organização do mundo: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, humanos-não humanos, masculino-feminino, natureza-cultura, tradicional-moderno. Mundo esse desconectado de relações ambientais, ecológicas, de práticas culturais e de saberes centrados na espiritualidade (MACHADO, 2019; OLIVEIRA, 2005), saberes ancestrais do corpo, da Terra, das mulheres. Esses saberes, com seus rituais, forças e magias, associados ao primitivo e à animalidade ‘típica’ dos selvagens eram não só inferiores, mas diabólicos. Nas representações pictóricas feitas a partir do olhar do colonizador - branco, homem, jesuíta - as mulheres aparecem como símbolos máximos do canibalismo e da luxúria. Figuravam a estranheza do Novo Mundo (RAMINELLI, 2009). Os rituais indígenas, suas danças e tambores lascivos, eram coisa do demônio (HOLLER, 2019). Também as práticas das benzedoras, das parteiras, das feiticeiras, que “misturam em seu caldeirão os mistérios da vida e da morte herdados das tradições pagãs” (ZORDAN, 2005, p. 331) foram diabolizadas. Quem tem medo do corpo, do sexo, do gênero? O sensível, o corpo, os afetos, as intensidades, as paixões, as adivinhações, as magias ameaçam a ordem falocêntrica da racionalidade ocidental cristianizada (NARVAZ; ZORDAN, 2019):

As bruxas foram torturadas e queimadas para sinalizar os perigos de práticas e saberes à margem da Igreja e de outras instituições dominantes na Idade Moderna [...]. Senhora dos descontroles, a bruxa guarda, sob os panos, truques que servem para confundir, embaçar e atrapalhar a razão, fazer com que os cursos do pensamento sejam deslocados (ZORDAN, 2005, p. 338).

Inferiores, primitivas, diabólicas, canibais, irracionais são as forças que deslocam o curso do pensamento que interessam a Deleuze e Guatarri (LAPOUJADE, 2015), as que escapam de qualquer razão, que irrompem no pensamento de forma aberrante, forçada, coagida, violentada. Mas lógico não significa irracional. Há uma lógica irracional nos movimentos aberrantes. Tanto mais lógico quanto mais escapa a toda racionalidade: “são os movimentos aberrantes que constituem a mais alta potência do existir, já as lógicas irracionais constituem a mais alta potência do pensar [...]. As potências da vida produzem incessantemente novas lógicas que nos submetem à irracionalidade delas” (LAPOUJADE, 2015, p. 14). Nesse sentido, há que problematizar a dicotomia entre o racional e o mitológico como marcas da humanidade ou da primitividade, bem como desfazer a desvalorização realizada sobre os costumes, tradições, saberes populares, mitos arcaicos e religiões ancestrais (MACHADO; 2019; OLIVEIRA, 2005). O privilégio

antropocêntrico diante da natureza inviabilizou uma “alteridade mais radical e mais originária à humanidade: a animalidade. No perspectivismo ameríndio, por exemplo, os animais e outros não-humanos dotados de alma [...] ‘são’ pessoas, entidades complexas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 44). Há outras metafísicas, outras cosmovisões, outras ‘cosmosensações’, no dizer da feminista nigeriana Oyewumi (2017), outras formas de pensar o mundo, a natureza, as relações entre os sexos/gêneros, cuja binariedade e desvalorização do feminino é fruto do sistema da colonialidade de gênero (LUGONES, 2014), como demonstram os estudos feministas decoloniais em suas diferentes abordagens (ver HOLLANDA, 20020). Outros processos de subjetivação não individualizantes são encontrados nos estudos das sociedades arcaicas, que valorizam mitos, lendas, rituais e magias:

Nas sociedades arcaicas, a dança, a música, a elaboração de formas plásticas e de signos no corpo, nos objetos, no chão, estavam intimamente mescladas às atividades rituais e às representações religiosas. O psiquismo de um indivíduo não estava organizado em faculdades interiorizadas, mas dirigido para uma gama de registros expressivos e práticos, diretamente conectados à vida social e ao mundo externo (GUATARRI, p. 2012, p. 113).

Para Balandier (1997), o mito é um ingrediente vital da civilização humana, uma realidade viva à qual se recorre incessantemente: “irrupção do sagrado no mundo, é o mito que funda realmente o mundo, mostrando como uma realidade veio à existência” (ELIADE, 1992, p. 51). Foi-se operando, no entanto, sobretudo na civilização ocidental, o lento desaparecimento das antigas superstições e dos mitos, associados à magia e à religiosidade dita primitiva dos territórios colonizados (ZORDAN, 2013). Contudo, diversos rituais, mitos, lendas e cultos ainda circulam na cultura:

Ligada a Grande Mãe, a lua sinaliza os fluxos da Terra, das águas, dos ventos, das marés, das menstruações e partos. Os antigos cultos, antes de serem “religiosos”, são indícios de como os povos comungavam com a Terra, se ligavam a seus elementos e às forças planetárias manifestas nos corpos. O que está em questão é o pensamento alógico, a sensação sem imagem, que implica a leitura dos sinais emitidos pela Terra, o aprendizado dos signos da Natureza e da cultura que com ela interage. O sentido desse pensar só pode ser expresso sob uma perspectiva estética, em que as noções de arte, magia, mito e linguagem não se definem senão como “pensamento mágico”. Esse pensamento é o saber das sensações, em que as forças preponderam à imagem, e cuja figura só existe em vias de se criar (ZORDAN, 2013, p. 166).

Pensamento mágico - saber das intensidades - contos, mitos e lendas gregas, iorubás, judaico-cristãs e guaranis (BULFICH, 2001; NOGUERA, 2018; PRANDI, 2001; VERGER, 2001) falam de diferentes modos de performar o feminino na relação com as forças da Terra, da Natureza, do Caosmos. Na mitologia grega, as primeiras deusas, criativas e destrutivas, constituíam-se como poderes independentes dos poderes masculinos e não estavam circunscritos

à fecundidade ou à maternidade, dentre elas, Afrodite (símbolo do amor), Deméter (símbolo da agricultura), Hera (símbolo do casamento), Atena (símbolo da inteligência). O poder feminino é também evocado por Platão a partir de Diótima de Mantinéia, sacerdotisa que conhece a arte do amor e da adivinhação. Mantinéia, relacionada à mântica, a arte da adivinhação e do delírio, é poder dado a poucos. Já nos mitos de Pandora, Perséfone e Psique, as mulheres são figuradas como curiosas, frívolas, dependentes e criadas apenas para agradar aos deuses masculinos (NARVAZ, 2009). A cosmogonia afrobrasileira é também rica em mitos que falam da relação do corpo-natureza-forças femininas. Na Umbanda, os poderes das Yabás, os Orixás femininos, delineiam uma força ou elemento da natureza e aludem ao poder matricial original (Naná), poder selvagem e guerreiro (Obá e Yansã), poder de geração (Yemanjá e Oxum), poder de sedução (Oxum e Yansã) e poder mágico (Ewá). Ainda que uma determinada forma de poder esteja corporificada em cada Orixá feminino, constituem uma só força, a força feminina do universo, força que dá vida, gera, transforma, ama e cria. Estas figuras aparecem ainda hoje no imaginário brasileiro nas figuras da guerreira, da sedutora, da mãe, da histérica e da bruxa (CARNEIRO; CURY, 1993; PRANDI, 2001; VERGER, 2001). No mito sumeriano de Lilith, a deusa diaba - outra face de Eva - Lilith foi expulsa do paraíso por reivindicar autonomia e prazer sexual (NARVAZ, 2009). Associada à Lilith está a Pombagira, que surgiu no Brasil colonial e sedimentou-se no imaginário popular por meio de crenças religiosas europeias, africanas, ciganas e indígenas. As figuras da Pombagira, que são muitas, e de Lilith, falam do desejo de libertação das mulheres dos seus corpos e dos seus prazeres do jugo masculino, da Igreja e do Estado (COSTA, 2012). A Pombagira, mulher de Exu, Exu-mulher, mulher de Lúcifer, Exu desalmada, mulher dos demônios, remete a Exu, ancestral iorubá, que preside a comunicação e a transmissão, força do corpo, da alegria, do gozo e do prazer (PRANDI, 2001), associado a Dionísio (SANTOS, 2014).

As Pombagiras, assim como os Exus, são porta-vozes dos oprimidos, as vozes das ruas, das denúncias do sistema, dos que estão à margem da sociedade, tais como as prostitutas, os gigolôs, os homossexuais, os michês, os malandros e os amantes; todos esses que carregam os estigmas do pecado original, do ilícito, vivenciado nos amores proibidos pelos padrões convencionais e legais (COSTA, 2015, p. 104).

Evidencia-se aí “toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias” (GUATARRI, 2012, p. 106) que reivindicam o direito de existir. Propõe-se, então, o contágio, o cruzo da pedagogia das encruzilhadas, da lógica exúlica (RUFINO, 2019), do baraperspectivismo - que aproxima Dionísio e Exu na construção de uma filosofia do trágico à moda de Nietzsche (SANTOS, 2014), com o pensamento de Deleuze e

Guatarri (DELEUZE, 2000, 2007; GUATTARRI, 1988, 2001, 2012), e com os estudos feministas decoloniais (ver HOLLANDA, 2020), que recuperam os saberes da ancestralidade e das filosofias africanas e ameríndias (MACHADO, 2019; NOGUERA, 2014; OLIVEIRA, 2005; VIVEIROS DE CASTRO, 2015). Delineia-se assim a possibilidade de um pensamento que convoca o corpo, o prazer, o excesso; que celebra o *non sense*, a lógica da sensação, da intuição, da desrazão, das intensidades, que faça uso da arte, da música, da dança, do mito, da ficção, da poesia; como máquina de guerra - de destruição - dos saberes coloniais e patriarcais instituídos, das certezas das pesquisas-acadêmicas-bem-comportadas, racionalistas, em prol de uma didática que se faz ao educar/pesquisar com arte, na perspectiva de uma Gaia educação, de novos modos de experimentar as matérias pelas quais nos apaixonamos (ZORDAN, 2019).

Inscribe-se aqui a crítica à representação hegemônica das mulheres pelo ocidente que, inclusive na arte, tem contribuído para a formação de uma imagem feminina de passividade e de submissão ao olhar masculino (BERGER, 1999; LOPONTE, 2018; NOCHLIN, 1989; POLLOCK, 1998, RAMINELLI, 2009). Investigar a figuração – para além da representação - inscrita em imagens que sobrevivem no tempo, como as de Lilith e as da Pombagira, entre outras, possibilita dar visibilidade a discursos que libertam as mulheres das figurações estereotipadas do gênero feminino como dócil e submisso (NARVAZ, 2009; ZORDAN, 2017). A criação de um arquivo visual catalogado junto à tradição alusivo a figuras transgressoras do cânone feminino imposto pela colonialidade do gênero é material para invenção “de uma nova suavidade entre os sexos” (GUATTARRI, 2012, p. 107). Para Zordan (2017, p. 241-242),

Com pinturas e outros tipos de ícones que retratam o feminino, especialmente aquelas mitificadas em figuras de tradição secular, rupturas e continuidades formais mostram como, hoje, o passado nos subjetiva. Modos de figurar a mulher desde um período arcaico, atravessando os séculos medievos, passando pelo Renascimento e os classicismos que o procedem, chegam à *Belle Époque*, final do século XIX e início do século XX, dentro de um prospecto paradoxal de extrema relevância para as lutas das mulheres na atualidade.

Conforme Barthes (1993), a imagem é mais significativa que a escrita, pois impõe a significação de uma só vez, sem analisá-la, sem dispersá-la. Segundo Didi-Huberman (1988, p. 26), “a imagem pensa. [...]. É preciso se perguntar como ela (nos) olha, como ela (nos) pensa e como ela (nos) toca ao mesmo tempo [pois] não se desintranca a imagem da imaginação e esta da economia psíquica onde ela intervém”. Com Aby Warburg (2010), aprendemos que as imagens são memórias coletivas nas quais se podem identificar gestos, restos, fantasmas que atravessam os tempos e vem nos assombrar, uma espécie de retorno do recalado dos sintomas sociais na esfera do visual. A memória mostra que passado, presente e futuro amalgamados se estendem um sobre

o outro, formando uma tessitura que rompe com a ideia de linearidade do tempo (DIDI-HUBERMAN, 1988, 2013a, 2013b; WARBURG, 2010), o que é também encontrado nas perspectivas africanas e ameríndias (NOGUERA, 2014; VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

A imagem, tomada como discurso, torna visível os enunciados que dão formas para a vida, produzindo modos de pensar, de ser, de habitar um corpo, de estabelecer relações com o mundo, enfim, de existir. É, por isso, potente dispositivo de subjetivação (ZORDAN, 2017). Ao descrever como tais figuras operam, o que elas nos fazem, ao que nos interpelam, qual pedagogia informam, identificamos o funcionamento do discurso visual que a iconografia propaga, com suas disputa por significações, o que, no caso das figuras femininas, nos subjetivam como mulheres. Depreende-se disso a importância das lutas das mulheres em torno das representações do feminino, que apontam os modos pelos quais a colonialidade do gênero (HOLLANDA, 2020; LUGONES, 2014; OYEWUMI, 2017) impõe uma certa pedagogia (LOPONTE, 2018). A descolonização do feminino “não é possível sem um processo de cura realizado por meio de imagens transformadoras” (COSTA, 2020, p. 320). O paradigma estético, da criação, torna-se o paradigma

de todas as formas possíveis de liberação, expropriando os antigos paradigmas cientificistas aos quais estavam referidos. A poesia, a música, as artes plásticas, o cinema, as performances, entre outros, tem importante lugar a ocupar como paradigma de referência de novas práticas na direção da formação de subjetividades inusitadas (GUATARRI, 2012, p. 106).

Entendendo que “toda luta consiste em produzir novas realidades [...], em fazer existir o que é desprovido de direito, que não tem direito nenhum à fala, não só política ou socialmente (minoridade de fato), mas na própria língua” (LAPOUJADE, 2015, pp. 281- 283), temos articulado em nossas pesquisas artes visuais, literatura, modos de subjetivação e lutas sociais, tendo como indagações centrais: Que imagens circulam sobre as mulheres na cultura veiculadas por mitos, contos, lendas e figuras? Como elas nos olham e nos interpelam? Que forças emanam desse encontro? Como nos subjetivam, como nos educam? Que novas realidades podem ser inventadas sobre os modos de habitar a Terra, habitar os corpos/sexos/gêneros/raças na riqueza de sua diversidade? Para tanto, investigam-se as representações e figurações do feminino por meio de mitos, contos, lendas, iconografia popular e experimentações artísticas. A intenção é repensar corpo/sexos/gêneros/raças para fabular outros modos de habitar o corpo, de performar o feminino, de habitar a Terra e, então, ficcionar mundos. Busca-se, com isso, sistematizar subsídios para a implementação do estudo da diversidade de gênero, sexual e étnico-racial a partir de outros cânones que não os ocidentais, ainda marginais em nossos currículos (NARVAZ;

ZORDAN, 2019). “Artefatura do infernal: experimentar tudo o que é estranho e problemático no pensamento educacional” (CORAZZA, 2002, p. 35) é o que temos proposto em nossos estudos,

[pois] já não é mais possível operar com qualquer tipo de currículo, a não ser com currículos plurais, que podem ser chamados de qualquer nome: Currículo-Nômade, Currículo-Louco, Currículo-Errante, Currículo-Bandido, Currículo-Rebelde, Currículo-Amoroso, Currículo-Eros [...] que inventam lutas, revidam, questionam hierarquias e articulam elementos selvagens não domesticados [...] e conjuram as insuportáveis humilhações humanas [...] (CORAZZA, 2007, p. 9-11).

### **Percursos metodológicos: modos de fazer e experimentar as pesquisas**

Nesse sentido, temos investigado, por meio da literatura e das artes visuais, o que as figuras e narrativas míticas gregas, iorubás, judaico-cristãs e guaranis têm a nos dizer sobre o feminino, que pedagogia tem a nos oferecer com seus rituais, suas magias e bruxarias, suas danças, suas músicas, seus gestos. Invocar suas forças possibilita a invenção de novos modos de habitar o corpo, a Terra, fazer mundo, descolonizando o pensamento binário das representações racionalistas ocidentais. Temos analisado obras das artistas brasileiras tais como Márcia X, Rosana Paulino, Ana Mendieta, Sonia Gomes (ver HOLLANDA, 2020) e Paola Zordan (2014b, 2016), que aproximam arte e vida, sagrado e profano, rituais e magia, corpo e natureza. Edificadas a partir de diferentes materiais, tais como tecidos, cordas, objetos vários, misturados aos seus corpos, transformados e submetidos a bordados e torções na forma de esculturas de pano e arquiteturas diversas, suas obras-performance-intervenção se dão em diferentes espaços, desde as salas de aula às praças, parques, ruas e cachoeiras. Impregnadas de memória e provocações acerca da subjetividade feminina e das diversas formas de disciplinamento dos corpos, abordam temas que incluem o feminino, o feminismo, a violência, o assujeitamento, as amarras, o silenciamento, o disciplinamento, a escravidão, a colonização, mas também a vida, as silhuetas, as vulvas, as transgressões, a conexão com o sagrado do corpo-força-natureza. A partir destas análises, temos ensaiado exercícios de experimentação poética, performática e literária a partir do material estudado, arsenal de guerra contra as representações hegemônicas patriarcais de um feminino bem comportado.

Trata-se de estudos de revisão bibliográfica e de montagem de arquivos visuais e textuais a partir do método da montagem constelar (WARBURG, 2010), que aproxima as imagens por seus gestos, sem hierarquias entre obras de arte clássicas e da iconografia popular, formando constelações em torno dos temas pertinentes às diferentes formas de habitar corpos/sexos/gêneros. A seleção de imagens e das produções artísticas são feitas por meio eletrônico. O arquivo, em elaboração, é material tanto para análises textuais críticas quanto para

produções poéticas, literárias e experimentações performáticas. Os procedimentos envolvem: 1) a constituição de um arquivo documental e iconográfico envolvendo a) mitos, rituais, magias, contos e lendas; b) imagens relativas a deusas, bruxas e orixás femininos; 2) imagens das produções das artistas brasileiras Márcia X, Rosana Paulino, Ana Mendieta, Sonia Gomes e Paola Zordan; 3) exercícios de experimentação poética, performática, corporal e literária elaborados pelo grupo de pesquisa; 4) organização de uma exposição curatorial a partir do material coletado; e, 5) proposição de intervenções pedagógicas na perspectiva de uma educação ecofeminista, anticapitalista, decolonial e antirracista em interlocução com o pensamento da diferença e da afirmação da vida de Deleuze e Guatarri.

O objetivo de tais investigações é o de problematizar os modos de produção do conhecimento e do pensamento racionalista ocidental e os modos de subjetivação feminina inscritos nas figuras, contos, mitos, lendas e produções artísticas visuais, poéticas e performáticas. Entendendo o papel da arte em suas diferentes formas de expressão como instrumento de luta política, tanto de denúncia quanto de problematização da realidade, as análises vêm sendo feitas a partir do feminismo decolonial (HOLLANDA, 2020; LUGONES, 2014; OYEWUMI, 2017) e das filosofias africanas e ameríndias (NOGUERA, 2019; RUFINO, 2019; SANTOS, 2014), do pensamento de Gilles Deleuze (2000, 2007) e da Ecosofia de Guatarri (2001, 20012), com tratamento das imagens a partir de Warburg (2010) e Didi-Huberman (1988, 2013a, 2013b). Buscamos identificar o que sobrevive nestes contos, mitos, lendas e imagens a eles associados - da Lilith suméria à Pombagira brasileira (COSTA, 2015) – entendidos como fantasmas sobreviventes e sintomas da cultura que não cessam de secretar efeitos nos modos de produção do conhecimento e nos processos de subjetivação das mulheres. A partir da articulação das categorias gênero, classe, racialização, etnia e geopolítica, entre outras, as análises colocam em debate os processos de subjetivação contemporâneos, subjetivação essa que se dá pelo contágio com devires outros, rompendo binarismos clássicos tais como natureza e cultura, masculino e feminino, humano e extra-humano, apostando nas potências da vida como criação e na literatura e na arte como saúde, como linhas de fuga de modos instituídos que aprisionam a vida, sobretudo as vidas das mulheres há muitos séculos.

**ABSTRACT:** Proposals for ongoing research are presented that articulate art and education in search for subsidies for the formulation of feminist and decolonial pedagogical interventions. The intention is to rethink the body/sex/genres/races/ worlds in order to fable other ways of inhabiting the bodies and performing the feminine from other perspectives that decolonize thought. It investigates the figurations of the feminine and its relationships with myths, tales, legends and popular iconography from different traditions. The constitution of the research archive occurs through the propositions of image analysis by Warburg and Didi-Huberman, having as analytical reference decolonial feminism, African and Amerindian philosophies and the thought of difference by Deleuze and Guatarri.

**Keywords:** Gender. Art. Decoloniality. Deleuze and Guatarri. Education.

## REFERÊNCIAS

- BALANDIER, Georges. **Antropológicas**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CARNEIRO, Sueli; CURY, O poder feminino no culto aos orixás. Geledés, Instituto da Mulher Negra, **Cadernos IV**, p. 19-34, 1993.
- CORAZZA, Sandra Mara. Para pensar, pesquisar e artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. **Educação** (São Paulo), v. 6, p. 68-73, 2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo horizonte: Autêntica, 2002.
- COSTA, Cláudia de Lima. Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In: HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 320-344.
- COSTA, Oli Santos da. **A Pombagira: a ressignificação mítica da deusa Lilith**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/781>. Acesso em 18 nov 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: a lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013a.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma História da Arte**. São Paulo: Ed. 34, 2013b.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1988.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro da Segurança pública**. 2020. v. 14. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso:16 de dez 2020.

- GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2001.
- GUATARRI, Félix. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papirus, 1988.
- GUATARRI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Sao Paulo: Ed. 34, 2012.
- HOLLANDA, Heloisa B. de. **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- HOLLER, Marcos. A Missão: por uma visão decolonial da música nas reduções jesuíticas. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.7, n.3, 2019, p.1-26.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu, 2020.
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1, 2015.
- LOPONTE, Luciana G. Mulheres e artes visuais no Brasil: caminhos, veredas e descontinuidades. **Visualidades** (UFG), v. 6, p. 13-31, 2008.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, n. 22, v. 3, p. 935-952, 2014.
- MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana**. 2019. 268f. Tese. (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.
- NARVAZ, Martha. **A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política**. 2009. 297f. Tese. (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, RS, 2009.
- NARVAZ, Martha G.; ZORDAN, P. Quem tem medo do corpo, do sexo e do gênero? In: RIBEIRO, Paula et all (Org.). **Tecituras: Sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Editora da Furg, 2019, v.1, p. 15-32.
- NOCHLIN, Linda. **The politics of vision**. Colorado, USA: Icon, 1989.
- NOGUERA, Renato. **Ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**. 2005. 353f. Tese. (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.
- OYEWUMI, Oyeronke. **A invenção da mulher: Uma perspectiva africana sobre os discursos ocidentais de gênero**. Bogotá, Colômbia: En la Frontera, 2017.
- POLLOCK, Griselda. Modernity and the spaces of femininity. In: MIRZOEFF, Nicholas (Orgs.). **Visual culture reader**. London: Routledge, 1998

- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-44.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANTOS, Rodrigo de Almeida dos. **Baraperspectivismo contra logocentrismo ou o trágico no prelúdio de uma filosofia da diáspora africana**. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- VERGER, Pierre F. **Lendas de Orixás**. Salvador: Corrupio, 2001.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Naify, 2015
- WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Akal, 2010.
- ZORDAN, Paola. Bruxas: figuras de poder. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 12, v. 2, p. 331-341, maio-agosto, 2005.
- ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**. Curitiba: Appris, 2019.
- ZORDAN, Paola. **Ortopedoxia: exercícios e experiências em torno de um corpo**. In: 25º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2016, Porto Alegre. Arte: seus espaços e/em nosso tempo. Porto Alegre: ANPAP/UFSM, 2016. p. 473-488. Disponível em: <[http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/paola\\_zordan.pdf](http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/paola_zordan.pdf)>
- ZORDAN, Paola. Os saberes mágicos do início da modernidade. **Teias** (Rio de Janeiro. Impresso), v. 14, p. 157- 167, 2013.
- ZORDAN, Paola. Virgem Senhora Nossa Mãe Paradoxal. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 65, n.2, p. 239-263, jul./dez, 2017.
- ZORDAN, Paola. A' CORDA. In: Wagner Ferraz. (Org.). **Experimentações performáticas**. Porto Alegre: INDEPin, 2014b, p. 38-53.